

Futebol-arte e identidade nacional nas crônicas de João Saldanha

Autor: Vitor S. Canale

Orientadora: Prof. Dra. Heloisa H. Baldy dos Reis

Unidade: Faculdade de Educação Física

Agência: Financiadora: SAE/Unicamp

Palavras-chave: futebol-arte – identidade nacional - crônica esportiva

Introdução

João Saldanha, jornalista esportivo que trabalhou no Rio de Janeiro entre as décadas de 1960 e 1990, foi, junto de outros escritores de seu período, figura paradigmática de uma crônica esportiva que buscava além da reflexão dos aspectos técnico-táticos do futebol pensar como esse jogo estava inserido na sociedade brasileira, aproveitando-se das possibilidades frequentes de debates junto aos profissionais, outros especialistas como ele e torcedores.

Assim, suas idéias encontravam ressonância e debate em diversos grupos da sociedade. Sua visão de futebol como arte popular, do craque como exemplo de trabalhador explorado e artista brasileiro, suas críticas à estrutura arcaica e exploradora do futebol no país conseguiram atingir grande espectro da população, tal qual suas formulações de como a ginga, a malandragem, a criatividade são elementos que o brasileiro traz tanto no futebol como no seu cotidiano, sendo essas as características mais arraigadas à identidade nacional e ao futebol-arte observadas ao longo das crônicas do autor.

Metodologia

O projeto explorou as crônicas jornalísticas de João Saldanha nos momentos próximos e durante as Copas do Mundo em que o autor escreveu sua coluna em jornais de grande circulação – de 1962 a 1990, sob uma análise qualitativa do conteúdo, buscou-se compreender como o jornalista argumentava a relação do futebol-arte e o modo de ser do brasileiro.

A reflexão teórica do trabalho contou com leitura de escritores que debatem a identidade nacional no Brasil e autores da sociologia e antropologia do esporte que fazem o debate entre o esporte e identidades

Conclusão

Pensar a identidade nacional e o futebol-arte na perspectiva de Saldanha remete ao debate de seu momento histórico, que apresentava como matrizes dicotômicas o futebol-arte e o futebol-força. Enquanto o primeiro modelo é apresentado como bastião da participação do povo e do gênio criativo das classes populares no futebol, o futebol-força era interpretado como a subordinação ao modelo europeizado e os saberes científicos. Saldanha argumentava que as potencialidades dos novos métodos de treinamento e de táticas poderiam, unidos ao gênio criativo nacional, proporcionar o ápice do espetáculo futebolístico, unindo a força e a arte, instância não opostas na percepção do autor. Essa união entre a arte e a força, em que a tradição e a modernidade se encontram fez parte do ideário nacional do século XX e se torna de extrema relevância ao se interpretar os discursos que se faz do ser brasileiro da década de 1960 em diante, nesta comunidade imaginada de interesses e representações divergentes que é o Brasil.



Discussão

Para Saldanha, o Brasil é o maior produtor de craques de futebol devido a alguns fatores: o clima que mantém durante o ano todo um aquecimento natural dos músculos, que por isso são mais flexível e soltos, ideais pra jogar futebol; o desenvolvimento precoce dos garotos brasileiros, que são obrigados a desenvolver uma inteligência prática e maturidade que outros povos com menores problemas estruturais em sua sociedade só conseguirão na vida adulta, ou seja, a malandragem, este modo peculiar de vida que o autor defende como genuinamente nacional, influencia o modo popular de se jogar futebol, tanto o profissional como o as peladas. E principalmente por que no Brasil o futebol é arte e paixão popular.

O futebol é palco em que o jogador recria o seu mundo a partir de suas identidades, determinações, história, cultura e a permissividade entre o certo e o errado é o princípio do Garrincha e do Brasil descrito por João Saldanha. O torto, como era tratado entre os colegas de clube, descobria com vivacidade os caminhos que lhe possibilitariam a diversão. Esse improviso como ideal para a superação de problemas se assemelha ao drible dentro dos gramados. O drible é o movimento do vai, não vai, por fim indo para um espaço inesperado. Algo próximo a uma estética barroca, do gozo pelo excesso, prazer sem a necessidade de uma funcionalidade direta, o drible tem direito de ser feito ao léu no futebol-arte e na sociedade brasileira pensada por Saldanha